

E SE PROVARMOS...?

MEGAN MAXWELL

Tradução
SALOMÉ CASTRO

 Planeta

*Para ti, Guerreiro ou Guerreira.
Se perdeste alguma coisa pelo caminho, que seja
o medo de recomeçar. E nunca te esqueças
de que, para apanhares um bom comboio a tempo,
é preciso que primeiro tenhas perdido o anterior.
Com amor,*

MEGAN

Capítulo 1

Estou num táxi a ouvir a música que toca na rádio depois de sair do escritório.

Cantarolo *Tacones rojos*, de Sebastián Yatra, e sorrio quando olho para os meus sapatos enquanto penso na minha «menina dos meus olhos». Ouvir esta música dá-me sempre boas vibrações e eleva-me o ânimo.

Como sempre, o centro de Madrid às sete da tarde está um caos. Carros. Buzinadelas. Pessoas a correrem de um lado para o outro. Eu gosto de observar. Sou muito cosmopolita.

O meu telemóvel toca. Acabo de receber uma mensagem que diz:

523

Sorrio. Aquele com quem me vou encontrar já está à minha espera, e eu escrevo:

Dois minutos

Assim que paro de olhar para o telemóvel e ajeito a saia do vestido, o taxista para.

– Chegámos, menina! – diz. – Vinte e dois euros e trinta.

Tiro o meu cartão. Passo-o pelo terminal de multibanco e, após concluir a operação com sucesso, peço o recibo, pois sou empresária e posso deduzir o valor na contabilidade da minha empresa, despeço-me do

motorista, que é muito simpático, e depois de fechar a porta do táxi entro no hotel.

Com passo firme, sigo em direção aos elevadores. Já conheço o percurso. Não é a primeira vez que aqui venho. Olho para o relógio. Tenho uma hora e meia antes do meu próximo compromisso, que não é longe.

Espero pacientemente que o elevador chegue e, ao entrar, carrego no botão do quinto andar.

No espelho do elevador revejo-me, arranjo-me. E quando para e eu saio, com firmeza e no alto dos meus sapatos vermelhos, encaminho-me para a porta 523. Bato. A porta abre e Alejandro, com apenas uma toalha enrolada na cintura, sorri; eu também.

Que pedaço de mau caminho!

Sem perder tempo, entro no quarto e, assim que a porta se fecha, sem falar, sem nos cumprimentarmos, deixando-nos levar pelo calor da nossa fantasia, beijamo-nos enquanto a minha bolsa cai ao chão.

Alejandro envolve a minha cintura com as mãos e, sem tirar a sua boca da minha, aproximamo-nos de uma cadeira. Aí paramos de nos beijar. Pego no meu telemóvel e procuro na lista do Spotify a música que queremos para o nosso momento de loucura. Quando começa a tocar *I Gotta Feeling*, de The Black Eyed Peas, pouso o telemóvel na cama e, puxando a toalha da sua cintura, digo:

– Tenho uma hora.

Alejandro assente. O seu pénis duro já está pronto para o início do jogo e, OK, confesso que estou com água na boca. Em décimos de segundo ele põe o preservativo e, sem sequer tirar a roupa, sento-me em cima dele. Não estou a usar cuecas. Faz parte do nosso jogo. Quando o seu pénis entra totalmente no meu corpo, ambos suspiramos de prazer.

Que maravilha!

Adoro a luxúria que sinto ao ser preenchida por ele, e, beijando-o com puro deleite, começo a mover-me enquanto as nossas respirações ofegam, os nossos suspiros aumentam e os nossos corações aceleram.

Zero amor. Sentimentos abaixo de zero. Romantismo... o que é isso? Mas muito tesão, ao máximo.

Tendo em conta a minha personalidade fria e impessoal, tenho algumas regras no sexo. Nunca misturo trabalho com prazer. Nada de casados.

Nada de música romântica enquanto fodemos e só homens com menos de trinta anos. Sou sempre eu quem dá as ordens, sem deixar que opinem, e, tendo em conta que isso lhes agrada, eu desfruto deste tipo de sexo sem amor, mas que tanto prazer me dá.

Durante vários minutos, eu monto Alejandro em busca da minha própria satisfação. Sei que ele procura a dele. Faz parte do nosso jogo.

Agarrada ao seu pescoço, empurro-me para a frente enquanto as minhas ancas, que têm vida própria, balançam sobre ele, e eu suspiro de puro deleite e prazer.

Céus, estava a precisar disto!

Minutos depois, quando Alejandro e eu atingimos o orgasmo, após breves instantes separamo-nos e abrimos mecanicamente o minibar do hotel para beber água. Estamos sedentos.

Alejandro e eu conhecemo-nos há um ano e meio. Estávamos ambos num *chat* de sexo – especificamente na secção de *swinger* ou sexo liberal. Ele, vinte e sete anos. Eu, trinta e oito, e ambos dispensamos compromisso. Desde o primeiro momento houve um *feeling* entre nós, e sempre que nos encontramos o sexo é bom e curtimos as nossas fantasias.

Amor e romance estão há muito fora da minha vida. Não tenho tempo para tal, por isso só dou atenção a homens mais novos do que eu e que não complicam a minha vida. Sou uma mulher independente que faz o que quer e ponto final.

Enquanto bebo água, vejo que Alejandro e eu estamos a olhar para os nossos telemóveis. Somos viciados no trabalho. Ele, advogado. Eu, publicitária. E, felizmente para mim, tanto ele quanto os meus outros amigos com benefícios são como eu. Pessoas que não procuram amor ou complicações. Só queremos sexo ocasional e, assim que terminarmos, cada um volta para a sua vida.

Sei que este tipo de vida, em que só se faz sexo desprovido de sentimento, pode ser frio e impessoal para alguns, mas é o que escolhi, porque na minha vida e na minha sexualidade sou eu que mando, e, para já, isto serve-me perfeitamente.

Batem à porta do quarto. Alejandro e eu entreolhamo-nos. Sabemos que é Mario, um homem também do mundo *swinger* que adora assistir

e, às vezes, tocar, e como é uma fantasia nossa sermos observados ou tocados, hoje convidei-o a juntar-se a nós.

Alejandro abre a porta. Sem falar, Mario entra. Ele cumprimenta-me com um sorriso e senta-se na poltrona. Todos sabemos o que estamos a fazer aqui. Não há necessidade de explicar nada.

Ponho um alarme no meu telemóvel. Preciso que me avise quando terminarem os quarenta e cinco minutos. Alejandro aproxima-se de mim. Desta vez, as suas mãos percorrem o meu corpo sob o olhar atento de Mario. Pouso a garrafa de água e o meu telemóvel, e, depois de desabotoar vários botões do meu vestido, ele cai ao chão.

Mario e Alejandro olham para mim. Gostam do que veem. Não sou má, embora também não seja um avião. Mas, vá, safo-me bem!

Satisfeita, beijo-o. Beijamo-nos, e depois ponho o meu traseiro em frente ao rosto de Mario e sinto-o tocar-me. Ele dá-me algumas palmadas enquanto Alejandro me beija. Conhecemos o jogo; não é a primeira vez que o jogamos juntos. Então, Mario pega no lubrificante e na joia anal que estão sobre a mesa e, impregnando-a de lubrificante, separa as minhas nádegas e insere-a.

Beijamo-nos provocadoramente enquanto Alejandro põe outro preservativo e a música *Toxic*, de Britney Spears, toca no meu telemóvel. Tentamo-nos um ao outro avidamente por sexo enquanto Mario não tira os olhos de nós, até que Alejandro me pega nos braços e, dando a Mario uma boa visão da joia anal, exijo:

– Fode-me.

E ele obedece. Bolas, e como fode!

Exigente, eu procuro a boca de Alejandro enquanto ele se afunda em mim uma e outra vez, ainda outra... e olhamos nos olhos um do outro, ofegando com pura luxúria e devassidão.

O sexo excitante e ardente deste momento é simplesmente sexo. Desfruto dele e das minhas fantasias sem tabus.

Após este ataque feroso, segue-se outro na cama. Somos insaciáveis. Mario muda de posição para nos ver mais de perto e dar algumas voltas à minha joia anal. Este é o jogo que queremos e do qual todos gostamos. E quando o alarme do meu telemóvel toca para avisar que faltam quinze minutos, Mario tira-me a joia anal. Tomo um banho rápido sem molhar

E se provarmos...?

o cabelo e, assim que me visto, volto para o quarto e vejo que Mario já saiu. Vou à cama, onde Alejandro ainda está nu a consultar o seu telemóvel, e agarro no meu.

Em seguida, paro a música e, depois de lhe piscar o olho, ele levanta-se, aproxima-se de mim e diz:

– Da próxima vez, espero que possas ficar mais tempo.

Sorrindo, eu aceno. Eu também espero. E, depois de lhe atirar um beijo frio, pego na minha bolsa e saio.

Tenho um compromisso!

Capítulo 2

Meu Deus, como estou nervosa!

Estou à porta do Teatro Real de Madrid, à espera dos meus pais e amigos enquanto fumo um cigarro. Sim, eu sei que fumar não é bom nem é bem visto, mas, vá, eu tenho este hábito! Há quem tenha outros e eu não critico.

Esta noite, a minha filha tem a sua última atuação com os colegas, e estou um misto de alegria, tristeza e emoção porque sei que a vida dela e a minha, a partir de amanhã, vão mudar.

Ouçoo o som de uma moto. Imediatamente, vejo que é a minha amiga Amara. Ela sobe o passeio e desliga o motor. Tira o capacete e, graciosamente, ao descer cantarola:

– *Quem é esse homeeem...?*

Rio-me. Sei uma parte da letra. Na noite anterior saímos juntas em Madrid e, sempre que víamos um tipo que nos agradava ou que nos parecia ser um daqueles jeitosos de tirar o fôlego, cantávamos esta música. Divertimo-nos bastante!

Depois de colocar a corrente antirroubo, ela aproxima-se de mim e abraçamo-nos. Amara é uma boa amiga de longa data que adora a minha filha.

– Sempre que saímos, é mais difícil para mim recuperar no dia seguinte – sussurro, quando nos largamos.

Nós rimos e, então, divertida, a louca da Amara comenta:

– Isso é porque estamos a envelhecer, querida.

E se provarmos...?

– Podes crer... – Eu também me rio, divertida.

– Bem, conheço alguém que ficou de *colonizar* o mundo na sua próxima viagem – deixa ela escapar entre gargalhadas.

Rimos novamente. Refere-se a mim. Ontem à noite, entre brindes e mais brindes, prometi tentar dormir com homens de vários continentes numa viagem que tenho pendente. E quando vou a responder, ela diz, mudando de tom:

– Hoje não estou no meu melhor dia.

– O que se passa?

Amara suspira e encolhe os ombros.

– Esta manhã, no hospital, disseram-me que quando o meu contrato terminar não o vão renovar – responde.

– E quando termina? – pergunto, preocupada.

– Em janeiro.

– Não me lixes!

A minha amiga assente.

– Ao que parece, o meu lugar vai ser ocupado pela filha de um médico.

Isso entristece-me. Amara é uma excelente enfermeira e parteira. Sem ela e sem a sua ajuda não sei como teria conseguido lidar com a minha filha em algumas ocasiões. E quando vou responder, ela, que é pura vitalidade, diz:

– Mas, querida, agora não é hora para lamentos.

– Certo – afirmo. E, lembrando-me de uma coisa, pergunto: – Quando é que as tuas crianças têm a apresentação?

Amara, além de trabalhar no hospital, treina algumas crianças numa piscina municipal de Madrid na modalidade de natação sincronizada – desporto em que competiu na juventude, até que teve de se retirar devido a uma lesão.

– Na sexta-feira – responde.

Olhamo-nos com cumplicidade e ela pergunta, com sarcasmo:

– Pronta para vir comigo, pelo nosso aniversário, ao concerto do meu querido Manuel Carrasco? Já tenho os bilhetes!

Mal diz isso, rio-me. Fazemos anos no mesmo dia, 30 de setembro. Tenho de lhe tirar essa ideia da cabeça.

– Ah, não, desculpa... não ouves música romântica – troça ela. – Mas ouve o que te digo: vais tramar-te! E vais comigo, pois nem a Mercedes nem o Leo podem ir.

Ambas rimos e fico sem saber o que dizer.

– Como está a nossa menina? – pergunta, mudando de assunto.

– Perfeita!

O meu telemóvel começa a tocar e ela, tirando das minhas mãos um dos bilhetes, diz depois me dar um beijo na bochecha:

– Espero por ti lá dentro! Amooooo-te...

Sorrio; dizer «amo-te» é algo muito nosso. Quando ela se afasta, olho para o meu telemóvel. Tenho a certeza de que é trabalho e, após refletir, decido não atender. Além disso, desligo-o para evitar a tentação de me envolver no trabalho. Não quero que nada nem ninguém me prive de aproveitar esta noite.

Assim que guardo o telemóvel na carteira, olho com carinho para os pequeninos que, acompanhados pelos pais, passam por mim vestidos de duendes e fadas. Que fofos! Estão nervosos. Entusiasmados. Estão a preparar esta atuação há muito tempo. Eu sorrio quando me lembro da minha menina. Como o tempo passa!

– *Darling!*

É a voz da minha mãe a chamar-me de «querida». Ela e o meu pai vêm ver a atuação da neta.

Estão muito bonitos. Vestiram-se elegantemente para a ocasião e, quando se aproximam, o meu pai, que não podia estar mais perfeito, comenta, esticando o casaco:

– Não é a minha praia estar tão embonecado.

Eu sorrio. Atualmente, os meus pais possuem uma loja de vinhos em Aluche. Antes era uma tasquinha. Aluche é o bairro onde cresci e morei até que, por fim e com muito esforço, consegui tornar-me independente com a minha filha; embora eles ainda vivam lá.

Bem-disposta, toco no nó da gravata do meu pai e dou-lhe um beijo.

– Bem, estás muito, muito bonito – digo.

Feliz, a minha mãe sorri e, tocando nos seus cabelos, sussurra com o seu acentuado sotaque inglês:

– Que tal o coque italiano que a Rosi me fez no cabeleireiro?

E se provarmos...?

– Mãe, estás lindíssima!

– Arranjou-se assim caso encontre algum *gavião*.

Quando ele diz isso, rio-me. O meu pai também. Se há algo que apaixonava a minha mãe é a série de TV *Gavilanes*.

– Rogelio, *my love*, já te disse centenas de milhares de vezes que o meu *gavião* és tu! – sussurra ela, graciosamente.

O meu pai dá um beijo à minha mãe e eu olho para eles, encantada. Adoro ver como se amam. Apaixona-me. E, depois de a minha mãe limpar o batom da boca dele com o dedo, pergunto:

– Como está o *Tinto*?

Tinto é o cão da família. É uma mistura entre *yorkshire* e chihuahua, muito engraçado, mas já a ficar velhote com os seus catorze aninhos. No mês passado, pregou-nos um susto quando, de repente, parou de comer e de se levantar, mas depois de cuidados especiais e graças ao veterinário, *Tinto* recuperou.

– Aquele safado está melhor do que eu – responde o meu pai.

Nós rimos e, depois, o meu pai pergunta:

– A *ratinha* está bem?

Rio-me. O meu pai e as suas alcunhas... Mas sei que ele se refere à neta.

– Está ótima e ansiosa para que a vejamos dançar. – E, entregando-lhe dois bilhetes, acrescento: – Vá. Entrem e ocupem os vossos lugares. A Amara já está lá dentro. Estou à espera do Leo e da Mercedes.

Sem hesitar, eles pegam nos bilhetes e, depois de me darem um último sorriso, desaparecem pela enorme porta.

– Verónica!

Quando ouço o meu nome, olho para a direita e sorrio ao ver Gustav Petrov, dono da escola de dança e um prestigiado bailarino de *ballet* clássico, que reside em Espanha e que também trabalha como produtor e diretor artístico. Como sempre, adoro o *glamour* que este homem exala quando caminha, e quando se aproxima de mim trocamos dois beijos afetuosos.

– Nervosa? – pergunta-me.

A sorrir, eu aceno afirmativamente. Conhecemo-nos há muito tempo.

– A Zoé vai deixar-nos sem palavras, garanto-te! – afirma.

Aceno novamente. Sei que está certo. A minha filha é um prodígio do *ballet*.

A acompanhante de Gustav, que por acaso eu nunca vira antes, olha-o e ele diz, galantemente:

– Verónica, apresento-te a Amelia Serapova. Amelia, esta é a Verónica, uma grande amiga e mãe de uma das minhas alunas.

Entreolhamo-nos com simpatia e sorrimos. Gustav é um russo interessante, mas não faz o meu tipo. Sempre triunfou entre as mulheres. Estou a sorrir para a bela mulher quando ela, apontando para as jovens que passam por nós, diz:

– Tenho a certeza de que a sua menina se vai sair bem.

Eu aceno novamente. E, confiante, declaro:

– Não duvido disso nem por um segundo.

A mulher sorri, satisfeita com a segurança que demonstro.

– Quantos anos tem a sua pequena? – acrescenta.

Gustav e eu olhamo-nos, sorrindo com cumplicidade. E, sabendo qual será a reação dela, deixo escapar:

– Vinte e três.

– Vinte e três mesinhos? – pergunta ela com uma expressão surpresa.

– Não. Vinte e três anos – esclareço.

Como sempre, quando digo a idade da minha filha, as pessoas pestanejam, surpresas. Gustav e eu rimos. Quantas vezes ouvimos esta perguntinha ao longo dos anos?

Tenho trinta e oito anos. Eu sei. Pouquíssimas pessoas da minha idade têm uma filha tão crescida.

– Tive-a aos quinze anos – digo, com normalidade. – E o que começou como um erro da juventude e da inconsciência acabou por ser o maior sucesso da minha vida.

Surpresa, a mulher assente. A reação de todos ao saber disso é sempre a mesma. Como posso ter uma filha tão crescida quando sou tão jovem?

Mas a realidade é esta. Conheci um italiano bonito e bom de conversa chamado Gianmarco, numas férias em Torremolinos com os meus pais, tios e primos, e durante um mês senti-me a rapariga mais sortuda do mundo porque aquele italiano bonitão tinha reparado em mim. Parvoíces da juventude!

Passei um verão incrível com ele. Amigos, motas, festas na praia com passeios de mãos dadas e românticas canções de amor cantadas pelo meu cantor preferido, que era Luis Miguel.

Estava tão apaixonada por Gianmarco, e ele era tão romântico e sedutor, que acabei por perder a virgindade no apartamento que ele ocupava com o seu grupo de amigos. E, a partir daquele dia, não paramos de fazer sexo uma única noite.

Ficámos viciados!

As férias chegaram ao fim. O meu encantador italiano e eu despedimo-nos entre lágrimas e promessas de amor. Trocámos endereços. Queríamos manter o contacto porque o nosso amor era mais incrível do que o de Romeu e Julieta.

No primeiro dia de regresso a Madrid, escrevi-lhe. No segundo também. No terceiro, mais do mesmo. Precisava de ter notícias dele. Lembra-se de mim? Duas semanas depois, as cartas foram-me devolvidas por se tratar de destinatário desconhecido. Eu insisti. Escrevi outra vez, mas aconteceu a mesma coisa. E foi então que percebi a cruel realidade: fui enganada como uma tonta. O que eu sentia e o que ele supostamente dizia sentir por mim não era a mesma coisa. Para mim, Gianmarco foi o meu primeiro amor. Para ele, eu fui apenas a tontinha com quem fez sexo naquele verão em Torremolinos e que, inexperiente, se deixou enganar por ele.

A decepção foi tanta que deixei de comer e não parei de chorar enquanto procurava explicações para o que me tinha acontecido e ouvia, em *loop*, os belos boleros de Luis Miguel.

Mãezinha, como me martirizei com aquelas canções!

Gianmarco, aquele idiota que eu pensava ser o amor da minha vida, a quem eu disse «amo-te», riu-se de mim e eu, acreditando nas suas mentiras, permiti que o fizesse. Poderia ser mais parva?

Os meus pais, vendo o estado em que eu estava, ficaram preocupados comigo. Estiveram ao meu lado, consolando-me do meu mal de amor como podiam. Claro, não lhes contei que fiz sexo com ele. Isso teria sido demais para eles. Eu tinha apenas quinze anos!

Eles mimaram-me e cuidaram de mim tanto quanto podiam e muito mais. Recordo, inclusive, que o meu pai, todos os dias antes de voltar da

tasca, me comprava um ovo *Kinder* na padaria de Jesús para me fazer sorrir, porque sabia que eu os adorava.

Mas, então, aconteceu uma coisa que me fez parar de chorar de um dia para o outro... descobri que estava grávida.

Mãezinha... mãezinha...

Eu, grávida de um italiano de quem nem sabia o nome completo nem onde morava!

Por amor de Deus, tinha apenas quinze anos!

Nem é preciso dizer que o desgosto inicial dos meus pais foi tremendo, sobretudo porque me calei com medo de represálias, e eles acabaram por descobrir quando eu já estava grávida de seis meses, numa tarde em que me senti mal e me levaram à pressa às urgências. O que eles pensaram ser um ataque de apendicite acabou por ser uma gravidez já no segundo trimestre.

O meu pobre pai a comprar-me ovos *Kinder* e, de repente, dão-lhe a notícia de que o ovo *Kinder* era eu. Surpresa!

No início, os meus pais consideraram inúmeras opções para o meu próprio bem. A minha mãe é inglesa e o meu pai é espanhol. Susan e Rogelio. Ela é moderna e ele é tradicional, mas a combinação dos dois sempre foi a ideal, e, no final, mesmo com quinze anos de idade, os meus pais ouviram-me e respeitaram o que lhes pedi.

Eu queria ter o meu bebé. Sabia, embora sem plena consciência, que isso significaria o fim da minha adolescência, sacrificando as saídas com os meus amigos, festas, acampamentos de verão, os estudos, conhecer rapazes, etcétera, etcétera, mas sentir o meu bebé a dançar na minha barriga durante aqueles seis meses fez-me perceber que não conseguiria desfazer-me dele. Fui tão sensata dentro da minha imaturidade ao falar com os meus pais que, no final, eles respeitaram a minha decisão.

Zoé nasceu num belo dia de maio e, depois de as nossas vidas normalizarem, comecei a frequentar aulas noturnas para terminar a minha formação académica. Se houve algo de que nunca tive dúvida foi que queria seguir em frente, e ser mãe solteira não iria impedir-me.

Quando terminei as aulas, incentivada pelos meus pais e, novamente, graças à ajuda deles, comecei a estudar Marketing e Publicidade. Sempre gostei de idealizar estratégias de venda na tasquinha dos meus pais.

Logicamente, como estava atrasada nos estudos devido a ter a minha filha, demorei mais do que os outros a terminar o curso, mas não me importou. O importante é que terminei. Cumpri o meu objetivo. E, querendo continuar a ajudar os meus pais, aconselhei-os a expandir o negócio para uma loja de vinhos especializada. Uma vez mais, ouviram-me. Eles confiaram nos meus conselhos, eu usei as técnicas aprendidas na universidade e, pouco depois, a loja começou a obter resultados que a tasquinha nunca alcançara.

O sucesso com a loja foi tanto que outras lojas de vinhos começaram a interessar-se pelo meu trabalho. Queriam trabalhar comigo, para que eu fizesse as suas campanhas publicitárias e, por fim, vendo que isso poderia dar-me um futuro, aos vinte e cinco anos abri a minha pequena empresa de *marketing* e publicidade, a que chamei Fórmula Perfeita. Os meus pais não podiam acreditar!

Ao longo dos anos, além de criar a minha filha, esquecer o romance, cuidar dos meus entes queridos e trabalhar muitas horas para construir o meu negócio, aproveitei a vida da melhor maneira possível.

O meu bom senso e bom olho para entender que vinhos espanhóis eram essenciais nas mesas de outros países fizeram a minha faturação aumentar e a minha empresa crescer. E, hoje, pode dizer-se que sou uma mulher com quem muitas empresas, principalmente vinícolas, querem trabalhar.

Além disso, serei a apresentadora do próximo Concurso Internacional de Enólogos, o Prémio Farpón, que terá lugar no Casino de Madrid, no dia 7 de outubro. Que felicidade me traz!

Os meus pais estão muito orgulhosos de mim. Primeiro, porque lhes mostrei que, desde que Zoé nasceu, amadureci e me empenhei a cem por cento com ela, como prometi. Segundo, porque sou uma guerreira que segue em frente apesar dos obstáculos que encontra no caminho. E, terceiro, porque criei sozinha a minha própria empresa.

Mas, para chegar aqui, se algo está claro para mim é que, sem eles, sem os meus pais e a sua ajuda, a sua paciência e o seu amor incondicional por Zoé e por mim, nada teria sido igual.

Felizmente para mim, não só tenho uns pais incríveis, como também uma filha maravilhosa e amigos fabulosos. Zoé sempre foi uma menina

carinhosa e estudiosa, tanto que às vezes eu duvidava que ela pudesse ser minha filha. Também é teimosa, algo que os meus pais dizem que herdou de mim, e, às vezes, um pouco rufia, algo que herdou do seu pai italiano, sem dúvida. Mas vá, posso dizer, alto e em bom som, que ela é o orgulho dos meus pais e também o meu, e que por ela eu repetiria tudo, absolutamente tudo o que passei, para que a vida voltasse a colocá-la no meu caminho.

A nível pessoal, nunca tive um parceiro fixo, para desgosto dos meus pais. A verdade é que criar a minha filha e construir um futuro tornou-me muito independente e, quanto aos homens, escolhi diversão e zero compromissos. A traição do idiota italiano marcou-me tanto que me transformou numa mulher fria e parei, inclusive, de ouvir música romântica. Adeus, Luis Miguel!

Apaguei o romance da minha vida, assim como o amor e todas essas loucuras que se fazem na juventude. Simplesmente, gosto de realizar fantasias com homens mais novos do que eu, para evitar problemas amorosos, e, assim que o momento passa, eles vão para as suas casinhas e eu vou para a minha. Eu já tenho uma filha para cuidar. As suas mães que cuidem deles!

A minha relação com Zoé é ótima. Além de mãe e filha, somos amigas. Com ela desfruto de milhares de coisas. Sempre falámos sobre tudo com normalidade, começando pelo sexo. Nem eu sou freira, pois tenho os meus casos de sexo, nem a minha filha o é, por mais boa e carinhosa que seja. Sempre quis que Zoé não visse o sexo como um assunto tabu e que desfrutasse dele em segurança e sabendo muito bem o que está a fazer.

Segundo a minha mãe, falar de sexo com Zoé é dar demasiadas asas à *ratinha*. No que me diz respeito, quero que a *ratinha* saiba voar, para poder descolar e aterrar sem problemas.

Estou a pensar em tudo isto quando ouço Gustav dizer:

– Ali vêm os teus amigos. Nós vamos entrar.

Satisfeita, eu aceno e pisco-lhe o olho. Depois viro-me e, olhando para os meus amigos Leo e Mercedes, indico apontando para o meu relógio:

– Combinámos há quinze minutos.

– O Leo atrasou-se.

– Mercedes Romero, como podes ser tão mentirosa?! – protesta o acusado.

A expressão de Mercedes faz-me sorrir. Sempre gostei da loucura dela, e ainda mais quando diz, olhando para ele:

– Leo Morales, acabaste de me chamar «mentirosa»?

– Com todas as letras – diz ele.

Mercedes sorri e pisca-me o olho.

– Quando fui buscar este chato – diz ela –, ele não veio até fazer a Pili prometer que, para o jantar, faria sopa de estrelinhas e os panadinhos de frango que ele tinha adiantado para as crianças!

Leo bufa ao ouvi-la. Pili é a sua esposa.

– Isso é o que estava definido para o jantar desta noite – sussurra ele.

– E tive de explicar à Pili, porque conheço os meus filhos, e como eles sabem que a mãe não gosta de cozinhar, convencem-na logo a pedir uma piza. E não! Esta noite, o jantar é sopa de estrelinhas e panadinhos de frango.

Ouvir isso faz-me sorrir.

Leo é um pai responsável que adora cozinhar e cuidar da esposa e dos dois filhos, Marcos e Ricardo. Há anos, e vendo que Pili, administradora de uma importante empresa do ramo automóvel, ganhava muito mais dinheiro do que ele, conversaram sobre isso e Leo decidiu parar de trabalhar como administrativo numa transportadora para cuidar dos filhos e da casa. Como ele diz, é feliz a fazer o que faz e ponto final.

O facto é que Leo e Pili estão felizes na forma como planearam a sua vida e, sem dúvida, nós que os amamos estamos felizes por isso. Gostaria que muitos homens fossem como Leo, e não que nós, mulheres, sejamos sempre aquelas que param de trabalhar para que os maridos continuem a sentirem-se os machos alfa da casa.

Aceno para algumas mães que conheço e, então, Leo diz:

– Estou morto. Acho que bebemos demais ontem à noite.

Concordo, ele tem razão, e tenho de me rir quando o ouço acrescentar:

– E nem é preciso dizer que espero que o que ontem prometeste com tanta convicção seja apenas uma piada!

Mercedes e eu olhamo-nos; sabemos a que se refere.

- Leo Morales, não sejas antiquado! – murmura a minha amiga.
- Se a nossa Vero quer provar os corpos ardentes de homens de outros continentes, não lhe estragues os planos!

Divertidos, nós rimos. Leo não.

- OK, confesso – declara Mercedes, depois de abraçar o nosso amigo.
- Quem se atrasou fui eu. Não ele.
- Obrigadinho! – protesta Leo.

Mercedes sorri, eu também, e ela esclarece:

- Eu estava a falar com uma ruiva bonita ao telemóvel e não consegui interromper a conversa...

– A Dalila? – pergunto, curiosa.

Mercedes assente. É a sua ex-companheira, uma mulher que ela adora e tenta reconquistar.

- Amanhã vai jantar com ela – sussurra Leo, mudando de tom.
- Nããã! – troço.

Mercedes, a minha maravilhosa Mercedes Romero, acena com a cabeça e depois diz:

- Finalmente consegui que ela jante comigo.

Leo e eu olhamos um para o outro. Do nosso ponto de vista, Dalila não é a mulher que Mercedes merece, mas sabendo que quando se trata de amor devemos respeitar, sorrimos e abraçamo-la. Juntamente com Amara, somos o Comando Chuminero! Até o nosso grupo de WhatsApp se chama assim. Foi algo que começou entre gargalhadas e que, no final, institucionalizámos entre nós.

Leo, Mercedes, Amara e eu somos diferentes, mas iguais. Complicados, mas fáceis. Tontos, mas inteligentes. E, acima de tudo, amamo-nos de verdade.

Conheci-os no parque de Aluche numa das muitas tardes em que estava sozinha com Zoé e começou a chover. Rapidamente, empurrando o carrinho, abriguei-me debaixo de uma das arcadas do meu bairro, até que chegou uma rapariga, Mercedes, e minutos depois um rapaz, Leo, e depois Amara. A chuva aumentou. Começou a cair um verdadeiro dilúvio e não podíamos sair dali, por isso começámos a conversar. Zoé, com os seus sorrisos, conquistou-os.

Alguns dias depois, voltámos a encontrar-nos na padaria do bairro e, como se nos conhecêssemos desde sempre, cumprimentámo-nos

e combinámos encontrar-nos naquela tarde sob a arcada onde nos tínhamos visto pela primeira vez. Claro, com Zoé. Leo, Amara e Mercedes, sem que eu precisasse de dizer nada, entenderam que eu tinha de cuidar da minha filha, porque os meus pais trabalhavam. Desde aquele dia, embora as nossas vidas tenham mudado ao longo dos anos, nunca nos separámos. Somos amigos, mas acima de tudo somos família! Isto é inquestionável para nós.

– Como está a nossa menina? – pergunta Leo.

Respiro fundo, apago o cigarro e respondo:

– Um pouco ansiosa, mas bem. Já a conhecem.

Sorrimos os três e, então, Mercedes pergunta, surpresa:

– Perdeste o telemóvel?

Rio-me porque tenho-o sempre na mão.

– Está na minha bolsa, desligado – digo.

Os meus amigos parecem surpresos. Se algo é típico em mim, é o telemóvel que funciona vinte e quatro horas por dia, por conta do meu trabalho.

– Quem és tu e onde está a chatinha da minha Vero? – sussurra Leo, a rir.

Rindo, empurramo-nos uns aos outros.

– A minha menina já fez as malas? – pergunta Mercedes.

Ouvir isso faz-me assentir com pesar, e quando sinto o meu queixo começar a tremer, Leo agarra no meu braço e diz.

– Zero dramas, *chumineras*! Vamos entrar.

Felizmente, ele interrompe o momento dramático. Eu agradeço. Deixo o choro para amanhã, no aeroporto. Conhecendo-me, vou inundar o terminal.

Instantes depois, chegamos onde os meus pais e Amara estão sentados. Mercedes e Leo cumprimentam-nos calorosamente e, já sentados, o meu pai, que está ao meu lado, olha para mim.

– Estás bem, *ratita*? – pergunta, enquanto a minha mãe fala com Amara, que está sentada ao lado dela.

Eu sorrio. Eu sou «ratita» e Zoé «ratinha»... Porquê? Coisas do meu pai, porque ambas gostamos de dançar¹.

¹ Por referência a *Angelina Ballerina*, uma conhecida série de livros infantis, da autora Katharine Holabird e da ilustradora Helen Craig, sobre uma ratinha que treina para ser bailarina. (N. da T.)

Sempre adorei, por isso, quando Zoé era pequena inscrevi-a em aulas de *ballet*, enquanto eu dançava salsa com Amara. O que nunca imaginei foi que aquelas aulas que a minha filha adorou desde o primeiro dia seriam o futuro dela. E, sabendo que o meu pai está preocupado, porque a minha filha está prestes a voar do ninho, pego na sua mão e afirmo:

– Tanto ela como eu estamos bem, pai. Não te preocupes.

O meu pai olha para mim e acena com a cabeça. Dá-me um dos seus beijos afetuosos na ponta do nariz, sabendo que este assunto me deixa sensível, e diz:

– A *ratinha* vai voar do ninho como tu voaste com ela, e agora tens de começar a viver, filha. Já é hora, não?!

– Pai, eu vivo! – troço, divertida.

O meu pai, que é homem de poucas palavras, sussurra:

– Eu sei que vives. Mas como teu pai quero que...

– Voltamos à conversa de arranjar namorado! – interrompo.

Ele concorda. Eu sei que lhe custa ver quão fria sou a esse respeito.

– Já preparaste a tua megaviagem? – pergunta, mudando de assunto.

Ao ouvir isso, sorrio. Como ele diz, tenho uma «megaviagem», com todas as despesas pagas, com um cliente, aos seus vinhedos no Texas, na Argentina, na África do Sul, na Austrália e na China. Ele quer que eu os visite para que possa ter uma ideia da especialidade de cada lugar e para que possa organizar uma campanha mundial para os seus vinhos.

Estou a adiar esta viagem há dois meses. Por sorte, o cliente, apesar de ser um tanto niquento, sério e rabugento, como quer muito trabalhar comigo está a respeitar a minha demora. Ele sabe que a viagem vai manter-me fora de Espanha durante mais de vinte dias, e aguarda que Zoé viaje para que eu possa ir com ele.

– Tudo preparado.

– Quando vais?

– Daqui a quinze dias.

O meu pai sorri. Sei que o meu sucesso o deixa orgulhoso.

– Vais dar a volta ao mundo – declara. – Vou chamar-te Willy Fog!

Ambos rimos. Se o meu pai soubesse do que falei com os meus amigos, ficaria chocado...

– O que é que a *ratinha* vai dançar? – pergunta, olhando para o palco.

Eu encolho os ombros. Não sei. Tanto Zoé quanto toda a equipa mantiveram isso em segredo.

- Não faço ideia, pai – respondo. – Veremos quando começar.
- Faça o que fizer, vamos gostar!
- Tenho a certeza disso – declaro, satisfeita.

Minutos depois, as luzes do teatro apagam-se e o espetáculo começa. Ótimo!

Como esperado, os primeiros a subir ao palco são os pequenitos. Terão uns cinco ou seis anos, como a minha Zoé quando começou, e todos nós soltamos gargalhadas quando os vemos dançar com aquela gracinha desajeitada que dá vontade de enchê-los de beijos.

Durante a hora seguinte, grupo após grupo vai subindo ao palco para exhibir as suas habilidades de *ballet*. Os presentes estão cientes de como as crianças, com a idade e a disciplina, estão a evoluir, e desfrutamos do espetáculo.

O palco volta a ficar vazio. As luzes aumentam de intensidade e Gustav, o diretor artístico do evento, sobe ao palco. Por vários minutos, fala conosco, amigos e familiares dos artistas, como lhes chama, e todos o ouvimos encantados enquanto conta sobre como as crianças se empenharam e como fica feliz em apresentá-las.

Após uma pausa, ele começa a falar sobre a última apresentação da noite e, junto com os meus pais e os meus amigos, emocionoo-me. É a vez da nossa menina, a minha Zoé, e do seu parceiro Adrián, os alunos mais avançados, que estão de saída.

Para a escola de dança é um orgulho que Zoé e Adrián estejam de partida para Nova Iorque para dar aulas de *ballet* numa das academias de Gustav e, após elogiá-los, ele sai do palco e eu respiro fundo.

Vamos lá!

Assim que as luzes se apagam, a minha mãe olha para mim a sorrir. De repente, ouço os primeiros acordes de uma melodia e, instintivamente, ponho a mão sobre a boca. A sério?!

O meu pai agarra na minha mão; ele está tão emocionado quanto eu. E, olhando um para o outro, sorrimos enquanto as lágrimas começam a deslizar pelos nossos rostos. A minha mãe, igualmente emocionada, abre a bolsa e começa a distribuir lenços de papel a torto e a direito. Zoé,

a nossa Zoé, vai dançar aquela música que é tão especial para nós. Trata-se do terceiro movimento da Suite Bergamasque de Claude Debussy, intitulada *Clair de lune*, uma bela peça que o meu pai punha a tocar no gira-discos quando eu era pequena para me acordar aos domingos. E, como mandava a tradição, continuou a fazê-lo para Zoé.

Que recordações bonitas nos traz esta melodia!

Emocionados, olhamos para o palco e lá está a minha menina. Tão especial. Tão linda. Tão elegante nos seus movimentos etéreos e flutuantes com o seu *tutu* azul-celeste e o cabelo apanhado, a dançar ao ritmo da maravilhosa melodia com o seu par Adrián.

Sustenho a respiração; não consigo tirar os olhos deles. Que magníficos são!

Zoé, a minha Zoé, irradia luz. Prende o nosso olhar com os seus movimentos delicados e precisos, e eu não consigo sequer pestanejar. E, sendo sincera, não é porque sou mãe dela, mas a minha filha é brilhante no que faz.

Sempre ouvi dizer que a música produz uma infinidade de emoções. Alegria, tristeza, erotismo, descontração... e, ouvindo esta bela melodia e vendo a minha filha, só consigo pensar em beleza e amor. É a beleza conjugada entre Zoé e a bonita melodia, e embora os meus canais lacrimais pareçam uma torneira aberta vertendo pelo meu rosto, eu desfruto, aproveito e saboreio cada instante deste momento mágico e maravilhoso para que fique gravado, para a eternidade, na minha mente e no meu coração.

Sinceramente, Zoé é o verdadeiro e puro amor da minha vida.

Quando a peça termina e o silêncio da emoção cai sobre o teatro, sei que todos estão maravilhados. Todos estão comovidos e emocionados com o que viram. Sinto que o meu coração vai explodir de felicidade e orgulho, e então o meu pai levanta-se e, sem se importar com as lágrimas nos seus olhos, aplaude como se não houvesse amanhã, e todos o seguem levantando-se dos seus lugares.

Uf... que emoção!

A minha filha e o seu talento são fora de série. E quando Zoé finalmente nos localiza na plateia e sorri para nós, o meu coração explode! Definitivamente, morro de amor!